



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda
Língua – LSB-PSL

AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO ACADÊMICO POR ALUNO SURDOCEGO

RAYANE SOUZA DE OLIVEIRA

Brasília – DF

2021

RAYANE SOUZA DE OLIVEIRA

AQUISIÇÃO DE VOCABULÁRIO ACADÊMICO POR ALUNO SURDOCEGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciada da Graduação no curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua (LSB-PSL), pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa.Dra. Cristiane Nascimento

Brasília – DF

2022

RESUMO

A pesquisa insere-se nas áreas da Terminologia e da surdocegueira e tem como tema a Aquisição de vocabulário acadêmico por aluno surdocego . O estudo tem como objetivo verificar como uma discente surdocega, da Universidade de Brasília, do curso de Língua de Sinais Brasileira e Português como segunda Língua aprendeu os termos utilizados na disciplina de Língua de Sinais Escrita. Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa e a coleta dos dados realizada por meio do instrumento, questionário com auxílio da plataforma Teams para verificar a aprendizagem da aluna em relação aos termos em Língua Portuguesa, dos sinais-termo em LSB e suas respectivas definições. Como resultado da pesquisa notou-se que os termos que tinham equivalentes/correspondentes em LSB eram mais facilmente adquiridos. Contudo, é necessário mais pesquisa na área visto que cada surdocego tem suas idiossincrasias.

Palavras-chave: Surdocego, Língua, Sinais-termo, comunicação, Libras.

Abstract

The research falls within the areas of Terminology and has as its theme the acquisition of student use by deafblind students. The course of Brazilian Sign Language and Portuguese as a Second Sign Language Study Sign Language the terms used in the Writing discipline. This is a case study with a qualitative approach and the collection of studies carried out through the SB course, with the help of the SB platform, to verify the learning of the Portuguese Language in relation to the terms of the term-signs and their definitions. . As a result of the research, it was noticed that the terms that had equivalents/correspondents in LSB were more easily acquired. However, more research is needed in the area as each deafblind person has their idiosyncrasies.

Keywords: Deafblind, Language, Term-signs, communication, Libras.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1- Libras Tátil.....	9
Figura 2- Alfabeto Manual.....	11
Figura 3- Braile.....	12
Figura 4- Ilustração do código Braille digital.....	13
Figura 5- Escrita Ampliada.....	13
Figura 6- Imagem da escrita na mão.....	14
Figura 7- Tadoma.....	15
Figura 8-Sinal-termo CORAÇÃO.....	22

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LSB-PSL - Língua de sinais Brasileira e português como segunda língua

LP - Língua Portuguesa

LSB-PSL - Língua de Sinais Brasileira e Português como segunda Língua

CM - Configuração de Mão

OP- Orientação de palma

L- Locação do sinal

M- Movimento

ENM- Expressões não manuais

LSB- Libras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

7

CAPÍTULO 1 - Surdocegueira e suas formas de comunicação

8

1.1 Aquisição do vocabulário por alunos surdocegos

15

1.2 Surdocegos no Ensino Superior

19

1.3 A importância das terminologias em Libras

20

CAPÍTULO 2 - Metodologia

23

2.1 Análise e discussão dos dados

25

2.2 Considerações Finais

34

2.3 Referências

36

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro para a entrevista com a aluna

39

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

40

APÊNDICE C - Fonte, contexto e significado dos 12 termos escolhidos

41

Introdução

O curso de Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua (LSB-PSL) foi criado no ano de 2014, porém só teve ingresso de um surdocego no ano de 2016 de acordo com a reportagem da UnB Notícias. O ingresso de discentes surdocegos nas universidades ainda é muito recente e pesquisas sobre eles nessas instituições são escassas, tendo mais pesquisas voltadas para educação infantil e primária. Com isto, percebe-se a necessidade de estudos nessa área e busca-se respostas para uma sociedade mais inclusiva e acessível para essas pessoas com necessidades singulares.

Os surdocegos enfrentam barreiras desde do começo de suas vidas. Muitas vezes o diagnóstico não é precoce e dependendo do tipo de síndrome, a perda auditiva e visual é irreversível, exigindo deles estratégias para comunicar-se com familiares, amigos e educadores. Neste trabalho serão apresentados os tipos de síndromes e os tipos de comunicação utilizados por surdocegos para viver em sociedade e compreender o mundo ao seu redor.

O presente trabalho visa mostrar como acontece a aquisição de linguagem de uma aluna surdocega da Universidade de Brasília (UnB) do curso de licenciatura em LSB-PSL. Além disso, mostrar como a acessibilidade linguística possibilita novos conhecimentos e autonomia para esses sujeitos. A pesquisa realizada é um estudo de caso qualitativo e busca mostrar quais termos em Língua Portuguesa (LP) e sinais-termo foram apreendidos na disciplina de Escrita de Sinais.

Como hipótese deste estudo, aventa-se que as terminologias disponíveis em Língua de Sinais são facilitadoras e importantes para o entendimento do termo em LP e de sua definição, isto significa dizer que, a presença da terminologia em LS contribuiu significativamente para o aprendizado de surdos e surdocegos.

A pesquisa foi feita primeiramente de forma bibliográfica e utilizou-se dicionários bilíngues para verificar os sinais-termo dos 12 termos escolhidos da disciplina de Escrita de sinais. Depois aplicou-se o questionário à participante da pesquisa para verificar os termos conhecidos por ela. Devido a pandemia de COVID-19, o questionário foi aplicado de forma remota através da

plataforma *Teams*. Após esta etapa, as respostas foram distribuídas em quadros para organizar os dados obtidos..

Surdocegueira e suas formas de comunicação

O sujeito surdocego tem especificidades que precisam ser respeitadas e analisadas para uma acessibilidade efetiva. O conceito de surdo-cego escrito desta forma é uma soma das duas deficiências, mas o sujeito surdocego não é a soma das duas deficiências, eles possuem características únicas. “A surdocegueira é definida e compreendida como uma deficiência única que acarreta diferentes níveis de perda de visão e audição, fazendo com que as pessoas nesta condição desenvolvam diferentes formas de interagir e de se comunicar de acordo com as características e a intensidade de sua percepção sensorial (MASINI et al, 2007, p. 36).” Uma pessoa é considerada surdocega uma vez que apresenta perda total ou parcial da visão e da audição concomitantemente.

De acordo com as características relativas às perdas sensoriais, há quatro formas distintas de classificação: 1) surdocegueira total; 2) surdez total e baixa visão; 3) surdez parcial e baixa visão; 4) surdez parcial e cegueira (CADER-NASCIMENTO, 2005). Para cada classificação, a forma de comunicação desse sujeito será diferente, no caso deste artigo, a aluna entrevistada se encontra na situação 2, surdez total e baixa visão. Ademais, foi diagnosticada a pouco tempo com síndrome de Usher¹.

Como cada indivíduo é único e possui suas especificidades na recepção de mensagem, as formas de comunicação para os surdocegos são as mais diversas. Nos próximos parágrafos apresenta-se a classificação e a explicação de sete tipos de comunicação utilizados pelos surdocegos, são elas: a língua de sinais, o alfabeto dactilológico, o sistema braille, o sistema braille digital, a escrita alfabética na palma da mão, a escrita ampliada e o tadoma.

¹ A Síndrome de Usher é caracterizada pela associação da deficiência visual e surdez congênita do grau leve ao profundo. É uma doença autossômica, decorrente de genes recessivos. Normalmente, a pessoa nasce com deficiência auditiva e, posteriormente, desenvolve alterações visuais por causa da retinose pigmentar, sendo esta uma doença hereditária, progressiva e degenerativa, que compromete as células da retina, a qual vai perdendo a capacidade de captar e enviar informações ao cérebro. (Long, 1993; Davenport, 1997 apud Cader-Nascimento e Costa 2002)

A **língua de sinais** é um sistema linguístico que possui uma representação visual contendo significado e significante em seus sinais, possui uma estrutura fonológica constituída de cinco elementos que formam os sinais, isto é, os parâmetros : configuração de mão (CM), orientação de palma (OP), locação do sinal (L), movimento (M), expressão não-manuais (ENM). Todos esses elementos possibilitam a decodificação do sinal e comunicação plena entre os sujeitos. Cada país possui sua própria língua de sinais, sendo assim, as línguas de sinais não são universais, no caso do Brasil, utiliza-se a Língua de Sinais Brasileira (LSB).

No caso dos surdocegos, a LSB é utilizada de acordo com o tipo de visão do usuário. Para ilustrar, se o indivíduo ainda tiver algum resíduo visual, a sinalização é feita no campo de visão dessa pessoa. Na condição de pessoas que não enxergam, a LSB é feita na mão da pessoa, sendo chamada de Libras Tátil. A participante desta pesquisa tem o campo de visão reduzido e durante a noite utiliza Libras Tátil, pois não consegue enxergar em locais escuros.

O alfabeto dactilológico ou o alfabeto manual, assim como as línguas de sinais, não é universal. No Brasil utiliza-se 26 caracteres seguindo os grafemas da Língua Portuguesa (LP) oral e são utilizados para designar um termo que não tem sinal específico, indicar um endereço, nome próprio e sinais desconhecidos pelo emissor. No alfabeto manual a estrutura quirêmica também é respeitada para enviar a informação correta ao receptor.

Figura 1- Libras Tátil



Fonte: MESCH (2001, p. 10)²

Para conversar com um surdocego que utiliza o **alfabeto manual** como forma de comunicação, deve-se fazer as letras nas mãos, escrita na palma da mão ou nas costas desse sujeito, assim ele conseguirá entender a mensagem e responderá em Libras. Como ilustração, apresenta-se o relato de Helen Keller, uma escritora, conferencista e ativista surdocega norte-americana que utilizava o alfabeto manual para comunicar-se com as pessoas ao seu redor. Esta escritora surdocega conta como é a experiência de ler com as mãos ou conversar com alguém quando explica :

Quem lê para mim ou conversa comigo vai compondo as palavras fazendo as letras com as mãos, segundo este alfabeto. Eu ponho a mão na sua, muito de leve, para não impedir os movimentos. Com o tacto percebem-se as diferentes posições da mão, do mesmo modo que com a vista. Não sinto as letras em separado, mas agrupamento em palavras, tal como toda a gente que lê com os olhos. A prática traz notável agilidade aos dedos (Keller, 1939, p. 78 *apud* Cader-Nascimento e Costa, 2002 p. 63)

² Referência: International studies on sign language and communication of the deaf; Vol 38. 1998

Figura 2- Alfabeto manual



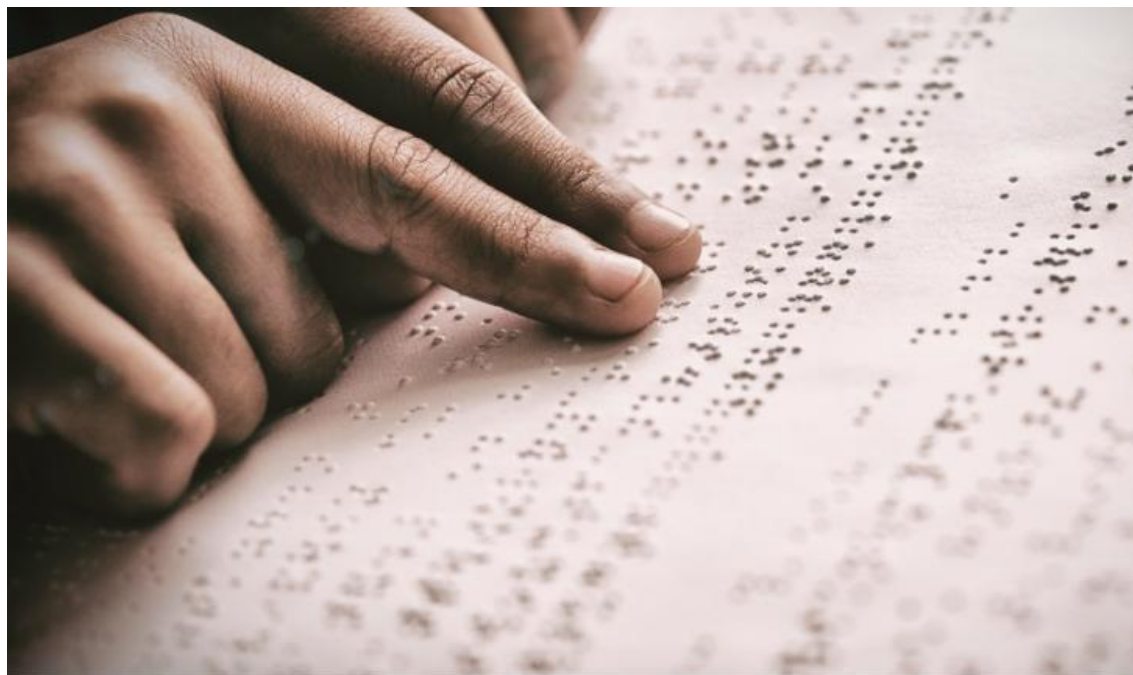
Fonte: Site acessibilidade em mãos³

Dessa forma, Helen Keller mostra uma possibilidade de comunicação, assim como outras estratégias, o sistema **Braille**, ele é complexo e necessita de dedicação para ser aprendido. O braille foi criado em 1825, por Louis Braille, na França. Louis ficou cego aos 3 anos de idade por conta de um acidente doméstico. O sistema de leitura e escrita Braille tem por base a Cella Braille, que é formada pela combinação de seis pontos dispostos em duas colunas paralelas e três linhas, nesta estrutura são geradas 63 combinações, possibilitando a leitura, escrita e entendimento de todas as disciplinas. A estética é universal, mas na questão de registro é seguida a língua padrão de cada país.

³ Disponível em: < <https://acessibilidadeemmaos.wordpress.com/2017/01/30/alfabeto-manual/> >

A produção braille pode ser feita de várias maneiras, reglete, punção, máquinas de escrever em braille, soroban, papel com gramatura própria, computadores adaptados com programas específicos em braille, impressoras de textos em braille. A leitura Braille é feita utilizando as pontas dos dedos.

Figura 3- Braille

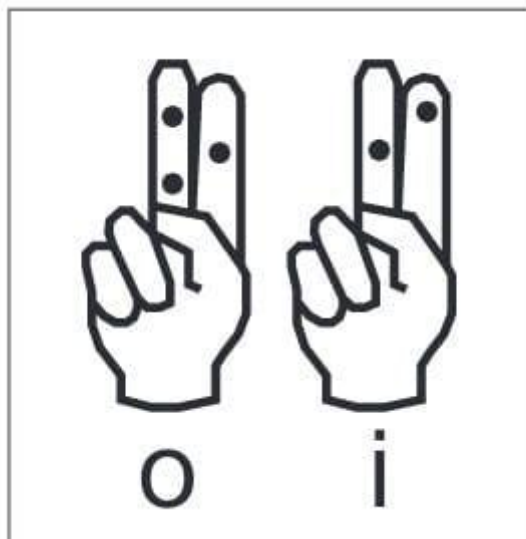


Fonte: Site eu percebo⁴

O **Sistema Braille digital** contém a mesma estrutura e signo gerador do braille padrão, a diferença está no local de registro dos pontos que é feita na mão da pessoa surdocega. Para comunicação em Braille fácil a pessoa deve fazer a configuração da letra U em Libras e os pontos do Braille será feito no dedo indicador e médio. As falanges dos dedos distendidos marcam o ponto um e assim por diante.

Figura 4 - Ilustração do código Braille digital

⁴ Disponível em: < <https://eupercebo.unb.br/2020/09/30/percepcao-tatil-e-a-leitura-em-braille/>>



Fonte: Cader-Nascimento (2021,1 p. 83).

A **Escrita Ampliada** é a ampliação de textos, frases, palavras, sílabas e letras. A ampliação pode ser feita escrita ou impressa. Na manuscrita é recomendável que escreva em caixa alta com um tamanho de 1 a 15 cm. No impresso a melhor fonte é a “Arial”, e o tamanho varia de 20 a 48, acima desse valor fica difícil a impressão e compreensão do sujeito. Quem faz esse trabalho de ampliação deve saber as especificidades da pessoa que pediu essa forma de comunicação, pois ela vai indicar qual é melhor forma para ela.

Figura 5- Escrita Ampliada

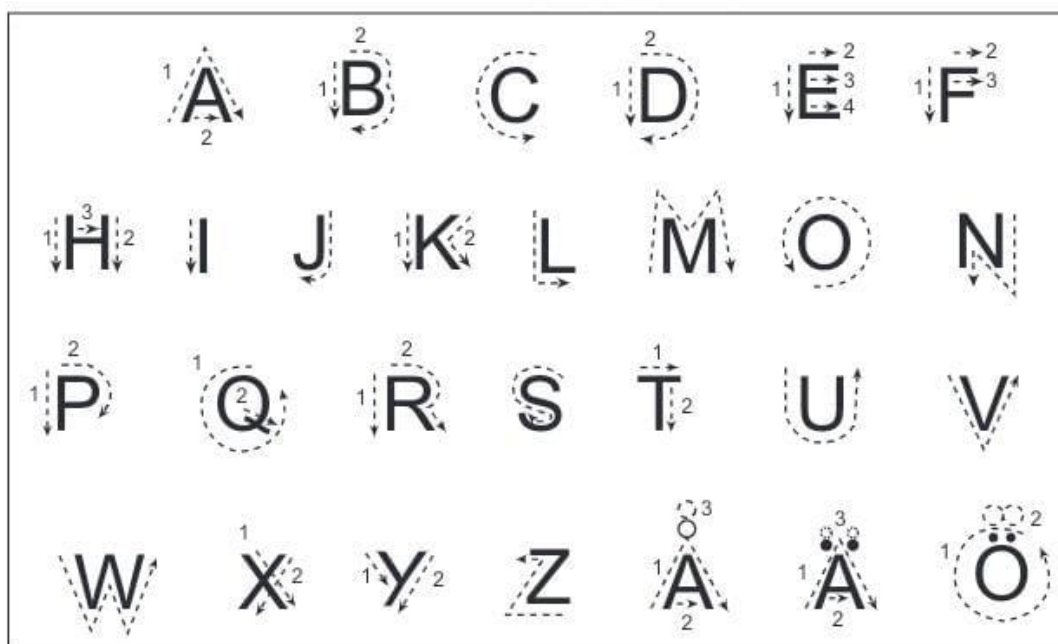


Fonte: Site Surdocegueira⁵

⁵ Disponível em: < <http://surdocegueiranoturno.blogspot.com/2011/11/escrita-ampliada.html>>

A **Escrita Alfabética** na palma da mão é feita por meio do registro das letras do alfabeto do português na mão do surdocego. Esse recurso é mais utilizado por pessoas que não conhecem o alfabeto dactilológico e o sistema braille. Além do mais, esse registro pode ser feito nas costas também caso a sensibilidade do surdocego seja maior nessa região. Como observa-se a forma dessa escrita na Figura 6.

Figura 6 - Imagem da escrita na mão



Fonte: Cader-Nascimento (2021 p. 85)

O **Tadoma** ou método de vibração consiste na percepção da língua oral emitida, mediante uso de uma ou das duas mãos da pessoa surdocega utilizando geralmente o dedo polegar, colocado suavemente sobre os lábios e os outros dedos mantidos sobre a bochecha, a mandíbula e a garganta do interlocutor. Helen Keller expressa suas vivências sobre essa possibilidade de comunicação:

O tacto era o único recurso para ler os lábios de minha mestra. Pelo tato, apenas, tinha de aperceber-me do movimento dos lábios, da vibração da garganta e da expressão do rosto dela. Não raro este

recurso era impotente. Eu me via na contingência de ficar horas inteiras, repetindo a mesma palavra, até que ela fosse inteligível. Era preciso exercitar-me assiduamente e sem desânimo.

Figura 7- Tadoma



Fonte: Site Turismo adaptado⁶

À vista disso, as estratégias utilizadas para se comunicar com surdocegos são as mais diversas e a maioria dos surdocegos usa mais de um tipo de comunicação para entender e comunicar-se com o mundo ao seu redor. A aprendizagem de novos conceitos pode acontecer de diversas formas e nesse

⁶ Disponível em: <<https://turismoadaptado.wordpress.com/2012/07/21/a-comunicacao-de-surdocegos-atraves-do-metodo-tadoma/>>

artigo explicaremos sobre essa aprendizagem entrevistando uma aluna surdocega da UnB.

Aquisição de vocabulário dos surdocegos

A surdocegueira compromete a visão de mundo desses sujeitos, tendo dois dos sentidos principais para comunicação comprometido, a aquisição de língua primária às vezes é algo muito difícil de acontecer nos primeiros anos de vida. De acordo com Cader-Nascimento e Faulstich (2016), qualquer situação de vulnerabilidade sensorial, social e linguística, interfere nos processos de aquisição ou aprendizagem da linguagem. E esse processo de aquisição ou aprendizagem da linguagem afeta o desenvolvimento e a interação da pessoa surdocega com o ambiente em que está.

Para uma comunicação efetiva com o mundo, a criança precisa ter contato com os signos linguísticos, ou alfabéticos, ou sinalizados. Contendo um sistema de comunicação com estrutura sintática, morfológica, semântica pragmática integradas nestes símbolos e signos, segundo Cader-Nascimento e Faulstich (2016).

A comunicação pode passar por um desses dois períodos: pré-linguístico ou pós-linguístico. No período pré-linguístico, conforme mencionado por Ferreira (2013), aquele que nasce surdocego e/ou adquire a surdocegueira antes da aquisição de uma língua (português ou LIBRAS) não consegue ter uma imagem real do mundo em que vive, sendo necessário uma intervenção para ajudá-lo a compreender o mundo ao seu redor de forma que as informações necessárias façam sentido para elas. As crianças nascidas surdocegas dentro do período pré-linguístico apresentam um comportamento onde tudo que pegam leva para a boca, utilizando os sentidos do tato e olfato. Na questão da comunicação, há uma expectativa de uma resposta específica do ambiente antes de o fato acontecer visto que existe a necessidade de interação com ambiente humano e físico, pois existe uma antecipação, essa antecipação é a base para a aprendizagem e comunicação com o surdocego. A antecipação (a expectativa de uma resposta específica do ambiente antes de o fato acontecer) é a base para aprender quando é que algo acontece e o que vai acontecer a seguir (NASCIMENTO, 2006).

Sobre o vocabulário, a inclusão e definição de elementos de comunicação e geração de significado é de forma gradativa. A comunicação pode ser **receptiva** e **expressiva**. Muitas crianças surdocegas não desenvolvem a fala, no entanto podem expressar-se. Podem também receber as mensagens que lhes são transmitidas por outras vias sensoriais. Conforme Nascimento (2006), a comunicação receptiva é um processo de recepção e compreensão de mensagens. No caso da criança surdocega, por vezes é difícil determinar a forma como ela recebe as mensagens. Por exemplo, com objetos de referência, que segundo Miranda (1999), os objetos de referência são objetos utilizados diariamente em diferentes atividades, os quais são apresentados às crianças como pistas, indicando o que vai acontecer a seguir ou o que ela irá fazer. Podem representar pessoas, atividades, lugares. E os gestos naturais que são expressões corporais, as quais podem incluir gestos faciais, corporais e manuais. Em geral, a utilização dos gestos naturais exige alguma visão, o que restringe seu uso por crianças cegas. Atos comunicativos como acenar para dizer adeus, acenar “não” ou “sim” com a cabeça, apontar indicando um determinado local, normalmente utilizadas na comunicação, exemplificam os gestos naturais.

Comunicação expressiva é a forma como expressar desejos, necessidades e sentimentos. A criança surdocega utiliza normalmente formas de comunicação não-verbal tais como sorrisos, movimentos, mudanças de posição que podem ser compreendidos por adultos familiarizados. A comunicação com essas crianças exige dos adultos que trabalham com elas conhecimentos específicos sobre esse tipo de comunicação. Dessa forma, à medida que a criança vai desenvolvendo níveis mais elaborados, poderão ser introduzidos símbolos cada vez mais abstratos, como elaborado por Nascimento (2006) seguindo uma progressão. Por exemplo: 1) objeto concreto – toalha, 2) uma pequena peça de toalha, 3) um pedaço de toalha colocado num cartão ou uma fotografia/imagem da toalha, 4) um pedaço da toalha colado em uma base associada à letra inicial “T” em braile ou em escrita ampliada; 5) uma fotografia/imagem da toalha e o rótulo “toalha” em caneta preta tipo hidrocor, 6) a palavra toalha em escrita ampliada ou braile. O professor poderá utilizar esses símbolos com crianças que aprendem melhor por meio do tato ou por meio da visão, mudando apenas a forma de

apresentá-lo. Dessa forma, a comunicação e a aquisição do vocabulário segue uma progressão para a pessoa surdocega.

No período pós linguístico, a pessoa se torna surdocega depois de adquirir uma língua, os recursos de comunicação usados pelas crianças surdocegas são vários, através de duas formas: **receptiva** e **expressiva**. Na forma **receptiva** os sistemas alfabéticos: dactilológico, letras maiúsculas, braille, máquina de escrever em tinta ou em braille e sistemas não-alfabéticos: LIBRAS, LIBRAS tátil, leitura labial, Tadoma, movimentos corporais, sinais no corpo, símbolos, sistemas suplementares de comunicação como levantar a cabeça, Bliss⁷, PCS⁸ e COMPIC,⁹ desenho e outros, conforme Nascimento (2006), mas em todos o tato constitui a via mais promissora no estabelecimento das interações com o ambiente, pois é sua forma de comunicação.

Na comunicação expressiva, que é a exteriorização dos desejos, necessidades, informações e sentimentos das pessoas em relação a seu ambiente. Caracteriza-se como uma prática presente na interação social. As possibilidades de expressão das pessoas em seu ambiente são diversificadas. (NASCIMENTO, 2006) No caso da criança que adquiriu a surdocegueira após ter assimilado um sistema de linguagem, faz-se necessário considerar esse fato ao elaborar o programa de intervenção pedagógica. Assim, a abordagem educacional dessa criança precisa conhecer o sistema de linguagem adquirido, suas características e o seu nível de desenvolvimento. Com relação ao nível, é necessário verificar se a criança comunica-se por: a) reconhecimento; b) contingência; c) linguagem convencional; d) linguagem simbólica emergente, conforme mencionado no item “comunicação expressiva na criança surdocega em fase pré-lingüística”. Por isso, em resumo há expressão facial, corporal, oral e os movimentos do corpo, gestos, toques, em que a criança se desenvolve, utilizando também a língua de sinais em sua forma receptiva ou expressiva.

Conforme mencionado por Nascimento (2006) sobre o trabalho de O'Donnell (1991), os recursos de comunicação receptiva mais usados por surdocegos são: língua de sinais (83%), gestos e insinuações táteis (60%),

⁷ O sistema Bliss de Comunicação é um sistema suplementar e/ou alternativo de comunicação, constituindo-se em um sistema simbólico gráfico visual. Verzoni 2001

⁸ O PCS é um sistema gráfico visual que contém desenhos simples, podendo-se acrescentar, na medida do necessário, fotografias, figuras, números, círculos para as cores, o alfabeto, outros desenhos ou conjuntos de símbolos. Verzoni 2001

⁹ Tipo de comunicação alternativa.

alfabeto digitado na mão (40%), sistema braile (6%) e contexto (3%). Em relação aos recursos de comunicação expressiva, a pesquisa da autora aponta os seguintes dados: língua de sinais (70%), gestos naturais (55%), linguagem oral com combinação de outro método (11%) e os que não possuem sistema de comunicação expressiva (7%). De acordo com esses dados, a língua de sinais constitui o recurso de comunicação mais promissor para as pessoas surdocegas.

Esses dados foram coletados para educação infantil e que influenciam o vocabulário da pessoa surdocega quando adulta. Todavia, quando um surdocego muda seu ambiente para um completamente novo, no caso da faculdade, os desafios são as estratégias para adquirir esse novo vocabulário na sua forma de comunicação.

Surdocegos no Ensino superior

No Ensino Superior, as matrículas somam um total 8.603.824, dados obtidos pelo INEP em 2019 de estudantes universitários brasileiros, todavia os estudantes surdocegos somam apenas 157 matrículas. (INEP, 2019) Apesar de que em comparação com 2013, os dados eram 151, houve um aumento de 6 matrículas durante esses anos.

Pela LEI Nº 13.146, de julho de 2015, é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015). Segundo o MEC (2012) citado por Muccini (p. 34, 2017), com a perspectiva inclusiva surgiu então a necessidade dos IES promoverem acesso, adaptações para permanência de pessoas surdocegas. O Direito das Pessoas com Deficiência que foi implementado na Legislação Brasileira garante que deve haver estratégias necessárias (BRASIL, 2008). Já o objetivo do tratado de Marrakesh é estabelecer o acesso à cultura através de adaptações de livros e artes, garantindo a leitura para que fique acessível (Ratificado pelo Brasil no final de 2015 e internalizado com status de Emenda Constitucional Souza e Fairbanks (2017).

A necessidade de implementar ações institucionais que promovam condições de acesso e permanência desses sujeitos em Instituições de Educação Superior (IES), conforme Muccini (2017). Estas ações ocorrem, predominantemente, por meio de práticas docentes e institucionais que visam acolher as especificidades e eliminar barreiras no contexto educacional para estes estudantes MUCCINI (2017). E mesmo com os programas que vem avançando com guias-intérpretes, monitores e materiais adaptados, sempre é necessário ver essa mudança para que se adeque para cada aluno surdocego. a Universidade de Brasília, conta com a Diretoria de Acessibilidade (DACES), e a Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência (PPNE) e o apoio do Laboratório de Apoio ao Deficiente Visual (LDV), onde há adaptações de materiais para alunos cegos e com baixa visão. Há também o Programa de Tutoria Especial (PTE) que dispõe de tutores para alunos com deficiência, incluindo alunos surdocegos, onde um tutor o acompanha durante a aula e/ou em realizações de atividades. Foi por meio desses suportes que o primeiro estudante surdocego brasileiro se formou, Iury Moraes. Ele ingressou em 2016, graduou-se em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua em 2020. . Sobre a acessibilidade durante o curso Iury esclarece que:

O suporte da Coordenação de Apoio às Pessoas com Deficiência a suas necessidades (PPNE) foi fundamental. "Para garantir a inclusão no ensino superior, há que se estimular maior participação de pessoas com deficiência, organizando melhor os programas de apoio. É importante também que os universitários tenham mais contato com surdocegos e intérpretes." Secom/Unb (2020)

Tendo em vista os referentes acima, o apoio ao estudante surdocego se dá em consideração dos programas vistos em Lei e que as IES possam coordenar, para que reforce e utilize dos direitos de alunos surdocegos, a fim de que possam se matricular nas instituições, permanecerem e se formarem, com a possibilidade também de ingressarem em um mercado de trabalho e/ou uma pós-graduação futuramente.

A importância das terminologias em Libras

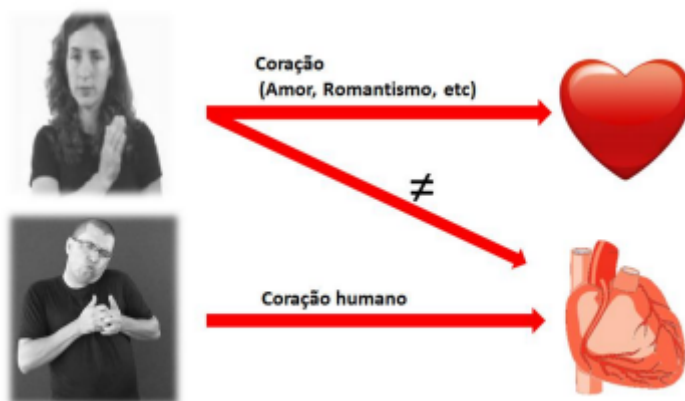
Segundo Castro Júnior e Nascimento (2018, p.116), “a terminologia é uma disciplina linguística que estuda os conceitos e os termos usados nas linguagens de especialidades e serve como uma importante ferramenta de comunicação entre os pares. Isto porque, no discurso especializado, evita-se a ambiguidade e, dessa forma, há uma comunicação mais efetiva numa área determinada do conhecimento, com base num vocabulário e em usos linguísticos específicos de determinado campo.”

Evidenciado por Faulstich (2012) sobre o sinal-termo:

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou entidades.
2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usadas nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.
3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira

O sinal-termo é um conceito importante desta pesquisa, uma vez que proporciona o conhecimento específico de determinada área, no âmbito utilizado em matérias específicas com a entrevistada surdocega, mostra que esses sinais-termo específicos são utilizadores em uma área do conhecimento como dito acima, significando que além dos sinais comuns da LSB, os sinais “sinal-termo representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades” (Faulstich, 2014) sendo possível ter mais um sinal referente a um termo. O autor COSTA (2012) faz uma alusão do termo CORAÇÃO, onde o primeiro termo (figura 8) equivale o léxico comum da LSB, e o segundo termo equivale ao léxico especializado, podendo ser utilizado em um contexto da Medicina:

Figura 8: Sinal-termo CORAÇÃO: comparação entre sinal geral e neologismo da Encicliolibras



fonte: COSTA (2012)

O processo da criação de sinal assim como o léxico comum, o termo pode ser criado por processo de formação de palavras como a “derivação, composição, truncação, transferência semântica, formação sintagmática e por siglas, empréstimos entre outros recursos das línguas” (ALVES, 1998, p. 104 *apud* NASCIMENTO, 2016, p. 26) podendo haver ou não adaptação fonológica ou morfológica na língua receptora com os termos emprestados de outras línguas de sinais. A autora evidencia mecanismos da criação de um sinal em seções na sua dissertação (2016) apresentando pesquisas abordando temas como: iconicidade, metáforas, metonímias, classificadores, categorização, protótipos, composição, derivação, extensão lexical, flexão e empréstimos nas LS.

Os autores Prometi e Castro (2018) explicam que o aspecto visual na língua de sinais é muito importante, mas não deve ser entendido como um simples iconicidade dos objetos, pois o dinamismo dessa língua não deriva apenas da presença ou ausência desses objetos, mas também do pensamento abstrato, de ideias, entre outros. Sendo assim, a criação passa por seus mecanismos de pesquisas e com critérios para acontecer a criação e validação do sinal, conforme evidenciado pelos autores, a criação deve ser junto

aos Surdos pesquisadores especialistas em Léxico e Terminologia – linguistas – ou grupos sociais que tenham estes personagens em seus meios e contextos. Caso isso ocorra, o sinal-termo criado é reconhecido pelo ambiente acadêmico e, conseqüentemente, se torna um sinal-termo padrão (PROMETI; CASTRO, 2018).

Dessa forma, a terminologia se enquadra nos léxicos selecionados e representam uma área determinada para os falantes da língua. Onde os léxicos comuns são de grande importância para a observação em relação aos léxicos especializados. A combinação dos parâmetros da língua de sinais formam um sinal. Isto posto, os sinais-termo, assim como os sinais do léxico comum, são formados a partir da combinação do movimento das mãos e seu respectivo formato em um determinado lugar. (PROMETI; CASTRO, 2018) Eles são: configuração de mãos (CMs), ponto de articulação (PA), movimento (M), expressões não manuais (ENM) e orientação da palma (Or):

CMs são formatos adquiridos pelas mãos na produção dos sinais, que podem ser realizados com uma ou duas mãos. Esse parâmetro tem grande importância na formação de classificadores e pode guardar informações semânticas essenciais na criação de uma nova unidade lexical e terminológica.

PA é o local onde ocorre a produção dos sinais, que pode estar localizado próximo ou em contato com alguma(s) parte(s) do corpo. Não existe sinal sem ponto de articulação.

M são de diversos tipos com direções, intensidade e frequência variadas. Mais de um tipo de movimento pode ser realizado simultaneamente na produção do sinal.

Or é a disposição da palma da mão, que pode ser para cima, para baixo, para frente, para trás, para contralateral (para medial) ou para ipsilateral (para lateral). Faria-Nascimento (2013, p. 85 apud Nascimento, 2016, p. 24) lembra que a Or em LSB pode carregar significados culturalmente partilhados que influenciam na criação de novos sinais, como a Or para cima, que agrega o significado de bom, positivo e de aceitação e a Or para baixo, que nos remete a ruim, negativo e de rejeição.

ENM são expressões faciais e corporais (NASCIMENTO, 2016, p. 23-24 apud PROMETI; CASTRO, 2018).

Os Parâmetros da língua de sinais são partes da estrutura da língua de sinais, assim como os componentes morfológicos e fonológicos. Segundo os autores Prometi e Castro (2018) a morfologia é responsável pela conformação do sinal-termo em LSB – derivação e composição – durante seu processo criativo, por meio da associação de diferentes elementos linguísticos. Para isso, nessa combinação, é preciso identificar o morfema-base que fundamenta a criação do sinal-termo” :

A despeito disso, Faria-Nascimento (2009) explica que antes de o morfema-base indicar o novo significado do sinal-termo, é necessário observar o fonema e a escolha da configuração de mãos detalhadamente. A autora ainda apresenta, de uma forma sistemática, diversos processos de criação terminológica na LSB, tais como o uso de base-presa, base-livre ou morfemas-base. Em LSB, a estrutura BASE equivale ao morfema-base, à base-presa ou a radicais e é constituída por CM, Or e PA (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97 apud PROMETI; CASTRO, 2018, p. 140)

Sendo assim, os critérios para a criação de um sinal se dá através de uma análise comparando os sinais do léxico comum para o léxico especializado, sendo necessário os sinais que são específicos para atender uma demanda em que há mais enriquecimento da língua e vocabulário.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza descritiva, a abordagem é qualitativa e trata-se de um estudo de caso. Segundo Severino (2007, p. 267), o estudo de caso é algo feito com um único indivíduo que possui certa representatividade, ou seja, “a pesquisa se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos”. (...) A coleta dos dados e

sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral” (SEVERINO, 2007, p. 105).

A pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília no curso de LSB-PSL, durante cinco meses de forma remota devido à crise sanitária causada pela pandemia da COVID-19. Em decorrência dessa crise, foram necessárias adaptações e estratégias para a continuação da pesquisa. O estudo contou com a contribuição de uma aluna surdocega relatando sua experiência na universidade e como foi sua aquisição de vocabulário.

O Referencial metodológico baseia-se em estudos e pesquisas de Cader-Nascimento (2002) e Costa 2002, Muccini (2017). A seguir apresenta-se as etapas metodológicas da pesquisa.

- 1- Escolha da disciplina junto a discente surdocega.
- 2- Seleção dos termos da pesquisa.
- 3- Pesquisa sobre a existência dos termos relacionados à escrita de sinais em Libras.
- 4- Entrevista com a discente surdocega.
- 5- Questionário com a discente sobre a definição dos termos.
- 6- Análise dos dados

Primeiramente, formulou-se uma pergunta para discente com vista a escolher a disciplina a qual os termos acadêmicos seriam selecionados. A escolha da disciplina foi feita através de uma mensagem enviada para a aluna, com a pergunta inicial: **Qual matéria você mais gostou no curso de LSB-PSL?**. A aluna indicou a matéria de Escrita de Sinais. A partir desta informação, foi realizada a pesquisa sobre os textos que foram utilizados na matéria e selecionados 12 termos mais utilizados nas aulas e nas atividades que foram executadas durante a disciplina. A seguir apresenta-se os termos selecionados:

1. gramática
2. símbolo
3. grafismo
4. configuração de mão
5. movimento
6. expressão facial

7. SignWriting
8. topicalização
9. sistema
10. língua
11. estrutura
12. visual-espacial

O “Dicionário Enciclopédico ilustrado trilingue 3ª Edição” (2013) foi escolhido e o Glossário da UFSC (2010) como fonte de pesquisa, para consultar os sinais-termo selecionados. Dos 12 termos escolhidos, 8 foram encontrados no dicionário do autor Capovilla (2013) e no Glossário da UFSC (2010) foram encontrados 5 sinais.

A entrevista foi feita através da plataforma *Teams* com a gravação para fins de pesquisa. Durante a entrevista, a aluna respondeu de forma clara e resumida todas as perguntas.

Análise e discussão dos dados

Nesta seção encontra-se o quadro com os sinais-termo encontrados nos dicionários pesquisados.

QUADRO 1- quadro com sinais-termo encontrados em dois dicionários.

TERMO EM LP	DICIONÁRIO CAPOVILLA	GLOSSÁRIO DA UFSC
1. Gramática	X	X
2. Símbolo	X	X
3. Grafismo	—	—
4. Configuração de mão	X	X
5. Movimento	X	—

6. Expressão Facial	X	X
7. SignWriting	X	---
8. Topicalização	---	---
9. Sistema	X	---
10. Língua	X	X
11. Estrutura	---	---
12. Visual-espacial	—	---

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 1, apresenta-se os termos em LP escolhidos para esta pesquisa e a presença ou ausência de sinais-termo nos dois dicionários verificados. Este quadro está organizado em três colunas, a primeira apresenta os termos escolhidos em LP, , na segunda coluna estão marcados os sinais-termo presentes e ausentes no dicionário Capovilla, na terceira coluna estão marcados os sinais-termo presentes ou ausentes no Glossário da UFSC. Importa explicar que a marcação em “X” significa a presença do sinal-termo e a marcação em “—” significa ausência do sinal-termo na obra lexicográfica ou termográfica. Os termos selecionados nessa pesquisa foram: gramática, símbolo, grafismo, configuração de mão, movimento, expressão facial, signwriting, topicalização, sistema, língua, estrutura, visual-espacial. A escolha desses termos deve-se ao fato de terem sido utilizados na matéria de língua de sinais escrita, cursada pela aluna entrevistada no segundo semestre de 2020 no curso de Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua, por meio dos textos enviados pela professora que ministrou a disciplina.

Observa-se que no dicionário Capovilla (2013) os termos: grafismo, topicalização, estrutura e modalidade visual-espacial não foram encontrados, mostrando que mesmo com uma abrangência tão significativa de sinais é impossível, por maior que seja um glossário, dar conta de todos os sinais presentes em uma língua. No dicionário Capovilla foram encontrados os

termos: gramática, símbolo, configuração de mão, movimento, expressão facial, signwriting, sistema e língua. Todos os termos contidos neste dicionário eram de conhecimento da entrevistada, tanto sinal quanto o conceito. No curso de LSB-PSL muitos dos termos da pesquisa são usados em várias matérias, exceto o termo grafismo que foi mais utilizado em Língua de sinais escrita para explicar o signwriting.

O glossário da UFSC é específico da área de linguística e mesmo assim não foi possível encontrar todos os sinais que foram usados nas aulas de escrita de sinais. Os termos grafismo, movimento, SignWriting, topicalização, sistema, estrutura e modalidade visual-espacial não foram encontrados no glossário da UFSC, o que demonstra que mesmo com sua abrangência, este glossário teve pouca utilidade para a aluna durante a matéria de língua de sinais escrita. Já os termos encontrados neste dicionário foram igualmente encontrados no Capovilla.

Atualmente na Universidade de Brasília não há dicionário ou glossário de Libras que agrupe sinais criados e utilizados por acadêmicos ou estudantes desta universidade, dificultando o acesso do público a tais informações. No próximo quadro, analisa-se o conhecimento da participante da pesquisa sobre os sinais não encontrados nos dicionários apresentados acima, aprendidos em sala de aula ou no convívio com os colegas. A terminologia em uma língua é importante porque possibilita aos seus usuários a comunicação de uma forma mais clara e específica. Segundo Faulstich (2014, p.135), “o sinal-termo representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades.”

A seguir, apresenta-se o quadro 2 com base no questionário (Apêndice A) aplicado à aluna.

Quadro 2 - Respostas da entrevistada em um quadro.

TERMO	O TERMO EM LP	SINAL-TERMO	DEFINIÇÃO DA PARTICIPANTE
1. Gramática	X	X	“Português tem verbos,

			palavras e frases”
2. Símbolo	X	X	“É uma marca ou desenho, por exemplo o símbolo da UnB.”
3. Grafismo	---	---	---
4. Configuração de mão	X	X	Ela mostrou algumas configurações de mão
5. Movimento	X	X	Mostrou o sinal de “namorado” e “obrigada” enfatizando no movimento desses sinais.
6 .Expressão Facial	X	X	Usou o sinal de triste e alegre com bastante expressão para dar significado ao sinal.
7. SignWriting	X	X	"Escrita da Libras e cada configuração

			ou sinal tem uma representação diferente.”
8. Topicalização	—	—	—
9. Sistema	X	X	—
10. Língua	X	X	“Tem várias línguas, Libras, português, inglês, espanhol e outras.”
11. Estrutura	X	X	“Pode ser uma organização de grupo, família, trabalho e outras.”
12. Visual-espacial	X	X	“Visual é alguém que ver, diferente do cego que não ver nada.”

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro 2, apresentado acima, mostra quais sinais-termo e termos em LP a entrevistada conhece e a definição que ela dá a cada um dos termos. Este quadro está organizado em quatro colunas. Na primeira coluna apresenta-se os termos selecionados na pesquisa, , na segunda estão os termos em LP, na terceira coluna estão os sinais-termos e na quarta coluna

estão as definições dada pela entrevistada. Os termos em LP e sinais-termo conhecidos pela participante receberam a marcação em “X”, enquanto os termos em LP e sinais-termo desconhecidos pela aluna receberam a marcação em “—”. Os termos em LP selecionados foram os mesmos do quadro 1.

Observa-se que dos 12 termos selecionados na pesquisa, a entrevistada conhecia 10, a saber, Gramática, símbolo, configuração de mão, movimento, expressão facial, signwriting, sistema, língua, estrutura e visual-espacial. Os termos grafismo e topicalização não foram reconhecidos pela entrevistada e também não foram encontrados nos dicionários.

No momento da aplicação do questionário é perceptível que a definição da participante foi prioritariamente por meio de exemplos.

Agora será detalhado sobre cada sinal escolhido:

SINAL-TERMO: GRAMÁTICA

O sinal-termo foi encontrado nos dois dicionários, a participante sinalizou de forma correta, conhece o termo em LP e o definiu como: português, verbos e palavras. Sua definição foi associativa, porém, não expressa o sentido do conceito exposto em aula.

SINAL-TERMO: SÍMBOLO

O sinal-termo foi encontrado nos dois dicionários, a entrevistada executou o sinal-termo e fez o sinal DESENHO para confirmar se esse era o sinal era relacionado o sinal-termo de símbolo, conhece a palavra em português e definiu como se fosse uma marca e usou como exemplo o símbolo da UnB. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar o significado de forma correta.

SINAL-TERMO: GRAFISMO

Não foi encontrado em nenhum dos dicionários, mas já foi utilizado nas aulas do curso de LSB-PSL. A entrevistada desconhecia o termo em LP e não sabia o sinal-termo e o significado.

SINAL-TERMO: CONFIGURAÇÃO DE MÃO

O sinal foi encontrado nos dois dicionários, a aluna sinalizou o sinal-termo de forma correta, conhece a termo em LP e mostrou algumas CM para exemplificar a definição de CM. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar o significado utilizando exemplos simples como Amor, Azul.

SINAL-TERMO: MOVIMENTO

O sinal foi encontrado, somente, no dicionário Capovilla. A participante sinalizou de forma correta, conhece o termo em LP e definiu mostrando o sinal-termo de “namorado” e “obrigada” e enfatizando no M desses sinais. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar o significado utilizando exemplos simples.

SINAL-TERMO: EXPRESSÃO FACIAL OU EXPRESSÕES NÃO MANUAIS

O sinal foi encontrado nos dois dicionários, a participante sinalizou de forma correta, conhece o termo em LP e usou o sinal de triste e alegre com bastante EMN para dar a definição ao sinal. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar o significado utilizando exemplos simples.

SINAL-TERMO: SIGNWRITING

O sinal foi encontrado nos dois dicionários, a participante sinalizou de forma correta, conhece o termo em LP, definiu como escrita da Libras e cada configuração ou sinal tem uma representação própria. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar o significado corretamente.

SINAL-TERMO: TOPICALIZAÇÃO

Não foi encontrado em nenhum dos dicionários, mas já foi utilizado nas aulas do curso de LSB-PSL. A aluna desconhecia o termo em LP e não sabia o sinal-termo e a definição.

SINAL-TERMO: SISTEMA

O sinal-termo foi encontrado, somente, no dicionário Capovilla e já foi utilizado nas aulas do curso de LSB-PSL, o sinal-termo ela sabia, mas não sabia definir a palavra.

SINAL-TERMO: LÍNGUA

O sinal-termo foi encontrado nos dois dicionários, a entrevistada sinalizou o sinal-termo de forma correta, conhece o termo em LP e explicou que tem várias línguas, Libras, português, inglês, espanhol e outras. Sua definição foi associativa e tentou explicar a definição usando exemplo de várias línguas, mas não conseguiu conceituar o termo.

DEFINIÇÃO DO DICIONÁRIO:

Língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos) que possibilitam a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim. As línguas podem se manifestar de forma oral ou gestual, como a Língua Brasileira de Sinais.

SINAL-TERMO: ESTRUTURA

Estrutura: Não foi encontrado em nenhum dos dicionários, mas já foi utilizado nas aulas do curso de LSB-PSL. A participante sinalizou corretamente, conhecia o termo em LP, explicou que pode ser uma organização de grupo, família, trabalho e outras. Sua definição foi associativa e conseguiu expressar a definição utilizando exemplos simples.

SINAL-TERMO: MODALIDADE VISUAL-ESPACIAL/ ESPAÇO-VISUAL/ VISUO-ESPACIAL/ ESPACIAL e VISUAL

Não foi encontrado em nenhum dos dicionários, mas já foi utilizado nas aulas do curso de LSB-PSL. A entrevistada sinalizou corretamente, conhecia o termo em LP, explicou que visual é alguém que ver, diferente do cego que não ver nada. A aluna associou o termo a visão e não à modalidade linguística.

Observa-se que 8 sinais foram encontrados no dicionário Capovilla, 6 no glossário da UFSC e 11 são usados com frequência no curso de LSB-PSL da Universidade de Brasília. A entrevistada conhecia 10 termos em LP, 10 sinais-termos em LSB e definiu 9 desses termos. Na pesquisa continha 12 termos, dos quais um não possui sinal-termo em libras(Grafismo). Os termos que ela não conhecia eram os mesmo que ela não sabia o sinal. No caso do termo sistema, ela conhecia o termo em LP e sabia o sinal, mas não soube dar a definição.

Constata-se que os dados obtidos comprovam que os termos em LP que tinham sinal-termo em LSB eram mais conhecidos da entrevistada. Essa era a hipótese inicial deste trabalho , porém a pesquisa foi feita somente com uma aluna e por isso não se pode afirmar com toda certeza, necessita de mais investigação na área, mas já pode-se observar a importância dos sinais-termo para comunidade surda. Como a aquisição de vocabulário acadêmico acontece

ainda não se pode informar, mas é perceptível que a aprendizagem acontece melhor quando é ensinada em sua língua natural¹⁰.

A lei 10.436, de 24 de abril de 2002 foi um marco importante para comunidade surda e possibilitou o ingresso de pessoas surdas no nível superior, como é o caso da entrevistada, que é surdocega. O reconhecimento da LSB como meio legal de comunicação da comunidade surda aumentou o interesse das pessoas pela aprendizagem dessa língua e aumentou a quantidade de professores habilitados para ensinar os sujeitos surdos e surdocegos. Na Universidade de Brasília foi criado em 2014 o curso de Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua (LSB-PSL) com o objetivo de aumentar a quantidade de surdo e surdocegos no nível superior com um curso acessível a língua deles. As aulas do curso são prioritariamente ministradas em libras ou possuem um tradutor/intérprete do português para Libras, isto possibilita a difusão de mais sinais-termos dentro das disciplinas. Mesmo com toda acessibilidade fornecida aos alunos o curso não possui um glossário próprio dificultando a difusão correta dos sinais e seu estudo posterior. Com tudo que foi visto neste artigo, até o presente momento, presume-se que um glossário ou dicionário reunindo sinais usados nas matérias do curso possibilitam uma aprendizagem melhor dos sujeitos surdos e surdocegos visto que as pesquisas mostram que a aprendizagem é facilitada quando ensinada na sua língua natural.

Considerações Finais

O desenvolvimento do presente trabalho permitiu aprofundar no conhecimento de quem é o sujeito surdocego, seus níveis de deficiências e tipos de comunicação. Possibilitando o entendimento de que cada sujeito é único e possui suas especificidades linguísticas. Neste trabalho foram apresentadas sete formas de comunicação usadas por surdocegos, com base nos estudos de Cader-Nascimento e Costa, 2002. As autoras me possibilitaram um aprofundamento no assunto e mais conhecimento sobre essa área que ainda é escassa de pesquisas.

A pesquisa buscou mostrar como a aquisição de linguagem acontece com sujeitos surdocegos, através de um estudo de caso com uma aluna

¹⁰ A língua natural da entrevistada é LSB.

surdocega da UnB, comprovando a hipótese inicial que o desenvolvimento da linguagem acontece de forma mais fácil quando ensinada com base na sua língua natural. Com a pesquisa percebi a importância dos sinais-termo na LSB e como ainda precisamos avançar na criação de glossários específicos nas universidades para difundir o conhecimento e possibilitar que mais pessoas aprendam os sinais-termo específicos da área que pretende estudar.

Não foi possível apresentar as estratégias específicas para o ensino de novos vocabulários, mas creio que com a continuação das pesquisas e entrevistando mais surdocegos essas estratégias podem ser apontadas e utilizadas por novos professores para potencializar a aprendizagem de surdos e surdocegos.

Referências

CAPOVILLA, F. C. , RAPHAEL, W. D. MAURICIO, A. C. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da língua de sinais brasileira : volume III - 3. ed. - São Paulo : EDUSP : Imprensa Oficial do Estado, 2013. - 2 v. (1620 p.) ISBN 9788531414336

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**. São Paulo: Projeto Signnet, 2010. 210 p. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Licoes-de-SignWriting.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição Nº 15 / Março de 2015– ISSN 1982-6842 http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes

CENTRO VIRTUAL DE CULTURA SURDA REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição Nº 23 / Maio de 2018 – ISSN 1982-6842

http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes

MUCCINI, Patricia. **Estudantes com surdocegueira na universidade: mapeando barreiras e facilitadores que perpassam o processo da inclusão acadêmica.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017. Acesso em 8 de setembro de 2020.

FIGUEIREDO, Marília Zannon de Andrade; CHIARI, Brasília Maria; GOULART, Bárbara Niegia Garcia de. Comunicação em adultos surdos com síndrome de Usher: estudo observacional retrospectivo. **CoDAS**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 319-324, 2013 . Disponível em: . Acesso em: 13 Set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S2317-17822013000400004>.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; COSTA, Maria da Piedade Rezende da. **Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação.** 2. ed. São Carlos: Ufscar, 2005. p. 78

BRASIL. Constituição (2015). Lei nº 13146, de 06 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa Com Deficiência)**. Brasília, DF.

A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar : surdocegueira e deficiência múltipla / Ismênia Carolina Mota Gomes Bosco, Sandra Regina Stanziani Higino Mesquita, Shirley Rodrigues Maia. - Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; [Fortaleza] : Universidade Federal do Ceará, 2010.

CADER-NASCIMENTO, Fatima Ali Abdalah Abdel; FAULSTICH, Enilde. **Expressão linguística e a produção escrita de surdos.** 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3710/3902>. Acesso em: 14 set. 2020.

INEP, Diretoria de Estatísticas Educacionais. Censo da Educação Superior 2019.

NASCIMENTO, Fátima Ali Abdalah Abdel Cader. Educação Educação infantil ; saberes e práticas da inclusão : dificuldades de comunicação e sinalização : surdocegueira/múltipla deficiência sensorial. [4. ed.] / elaboração profª ms. Fátima Ali Abdalah Abdel Cader Nascimento - Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR/SP, prof. Shirley Rodrigues Maia – Associação Educacional para a Múltipla Deficiência - AHIMSA. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 79 p. : il

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de Nascimento, Cristiane Batista do. TERMINOLOGIA ESCOLAR EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA. **Espaço**, Rio de Janeiro, v. 2018, n. 49, p. 113-130, jun. 2018. Semestral. Disponível em: file:///C:/Users/180050249/Downloads/429-1548-1-PB.pdf. Acesso em: 28 mar. 2022.

MINIDICIONÁRIO LAROUSSE DA LÍNGUA PORTUGUESA / Larousse do Brasil; co-autora Laiz Barbosa de Carvalho. -- 3. ed -- São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

MELHORAMENTOS MINIDICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

APÊNDICE A

Entrevista:

Qual é a sua idade?

Qual é a sua deficiência ?

Quais são suas formas de comunicação?

Qual é sua perda visual?

Qual o seu grau de surdez?

Como você aprende novos sinais?

Com quantos anos você aprendeu a ler?

Com quantos anos você começou a aprender a Libras?
Qual foi sua maior dificuldade quando ingressou na Universidade de Brasília?

Questionário:

Você conhece esse termo em português?

Você sabe o sinal deste termo?

Você sabe a definição desse termo?

A entrevistada tem 26 anos de idade, ela é surdocega e tem uma perda bilateral profunda, seu tipo de comunicação é em Libras em campo reduzido e Libras tátil. A conversação em Libras tátil acontece quando está a noite ou em um local muito escuro, onde ela tem 5% da visão. Sendo surda profunda, começou a aprender os sinais na escola com professores, amigos e o contato constante com a língua. E atualmente, quando se tem vontade de aprender novos sinais, ela realiza pesquisas para adquirir mais conhecimento, com o uso do *youtube* e até redes sociais. Ela se recorda que começou a ler aos 6 anos de idade e começou a aprender Libras com 9 anos. As suas principais dificuldades encontradas quando ela passou na UnB foram os conteúdos pesados das matérias, falta de acessibilidade e não ter guia-intérprete pois no começo do curso só tinha dois intérpretes para cada aula, e apenas na metade do curso chegaram os guias-intérpretes, mas ainda sim relata em que há falta em quesito acessibilidade.

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu *Rayane Souza de Oliveira*, responsável pela pesquisa *“Aquisição de vocabulário acadêmico por aluno surdocego da Universidade de Brasília”*, graduanda em LSB-PSL da Universidade de Brasília, convido você a participar como voluntária deste estudo. Esta pesquisa pretende saber quais termos em LP e sinais-termo você conhece. Acreditamos que ela seja importante porque existe uma carência de trabalhos acadêmicos na área da surdocegueira. Para avaliar os sinais conhecidos, você participará de uma reunião via Teams. Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora. Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa poderão ser divulgadas em eventos ou publicações científicas, não haverá identificação dos voluntários no produto final desta pesquisa.

Autorização:

Eu, [REDACTED], após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as

minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informada, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetidoa. Diante do exposto expressei minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Dados da pesquisadora: Rayane Souza de Oliveira, (61) 99558-5450, rayane2souza@gmail.com

APÊNDICE C - Contextos de seleção dos Termos

Fonte, contexto e significado dos 12 termos escolhidos:

1. **Gramática:** Sutton 2010. p. 6 “A escrita da língua de sinais torna possível publicações na língua de sinais: Livros, revistas, dicionários e literatura. Pode ser usada para ensinar sinais e a **gramática** da língua de sinais para iniciantes na língua de sinais, também pode ser aplicada ao ensino de modo geral.”
Definição: Conforme a linguística descritiva, exposição sistemática e objetiva dos elementos constitutivos (fonemas, morfemas, palavras, frases etc.), dos processos de construção e dos recursos expressivos próprios do sistema estrutural de uma dada língua.
MICHAELIS. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.0 Rio de Janeiro: Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 07 fev. 2021.
2. **símbolo:** Sutton 2010. p. 6 “A escrita da língua de sinais utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto” - uma lista de **símbolos** visualmente delineados – é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo.”
3. **grafismo:** Sutton 2010. p. 3 “Os surdos precisam escrever nas suas línguas de sinais. Precisam intercambiar através de **grafismos** suas expressões linguísticas, como os ouvintes o fazem utilizando os diferentes alfabetos inventados para as diversas línguas orais.”
4. **Configuração de mão:** Silva, Costa, Bózoli, Gumiero 2018. p. 9 “ Em 1956, Stokoe foi quem primeiro estabeleceu parâmetros de análise dos sinais, como **Configuração de Mão** (designator, ou dez), Ponto de Articulação (tabula, ou tab) e Movimento (signation, ou sig). A ELiS, ainda que baseada no trabalho de Stokoe, estabelece várias diferenças

como a sequência em que os parâmetros são escritos. Para Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) é Ponto de Articulação, Configuração de Mão e Movimento.”

5. **Movimento:** Silva, Costa, Bózoli, Gumiero 2018. p. 9 “Em 1956, Stokoe foi quem primeiro estabeleceu parâmetros de análise dos sinais, como Configuração de Mão (designator, ou dez), Ponto de Articulação (tabula, ou tab) e Movimento (signation, ou sig). A ELiS, ainda que baseada no trabalho de Stokoe, estabelece várias diferenças como a sequência em que os parâmetros são escritos. Para Stokoe, Casterline e Croneberg (1965) é Ponto de Articulação, Configuração de Mão e Movimento.”
6. **Expressão facial :** Silva, Costa, Bózoli, Gumiero 2018. pg. 5 “Existem dez grupos de símbolos para as mãos. Esses dez grupos são o começo da “Sequência-de-Símbolos-SignWriting”, que é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting. A estrutura é composta de informações referentes às mãos, movimento, **expressão facial** e corpo. As informações das mãos, direita e esquerda, consistem em configuração da mão, dos dedos e do braço. O movimento pode ser dos dedos (movimento interno) ou da mão (movimento externo). Um movimento pode ser composto de um ou mais movimentos de dedos, movimentos de mãos e contatos.”
7. **SignWriting:** Silva, Costa, Bózoli, Gumiero 2018. pg. 3 “O **SignWriting** (SW) é um sistema gráfico-esquemático-visual secundário das línguas de sinais, desenvolvido em 1974, pela coreógrafa norte-americana Valerie Sutton, na Dinamarca, foi introduzido no Brasil no ano de 1996, já sendo sistematicamente, descrito e desenvolvido em Capovilla e Sutton (2001).”
8. **topicalização :** Sutton 2010. pg. 203 “A ordem básica da frase pode ser mudada por várias razões. Algumas delas serão abordadas aqui em lições separadas, são elas: a **topicalização**, a focalização, a formação de interrogativas, a introdução de orações relativas e o uso de condicionais. Além disso, serão abordados dois aspectos bastante peculiares das línguas visuais-espaciais: o uso de classificadores e o uso de espaços para comparar diferentes tópicos, idéias ou objetos. Tópicos são informações introduzidas inicialmente de forma destacada que serão referidas ao longo da frase e/ou do discurso. Basicamente, o tópico introduz o assunto abordado na frase.”
9. **sistema :** Sutton 2010. pg. 3 “Valerie Sutton, do Center for Sutton Movement Writing, é uma especialista em **sistema** de escrita de movimentos. Os dois principais sistemas de representação de

movimentos que ela desenvolveu são o DanceWriting (um sistema para representação de coreografias, aplicado ao ballet e à dança em geral) e o SignWriting (um sistema para representação de gestos, aplicado às línguas de sinais).”

10. Língua: Sutton 2010. pg. 3 As **línguas** de sinais utilizadas pelos surdos não tem uma forma de escrita aceita universalmente. Na verdade, até recentemente não havia sequer a preocupação com a questão da escrita das línguas de sinais.

Significado: Para Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, sistema abstrato de signos, subjacente à fala e à escrita, usado por uma comunidade e que se opõe à sua realização individual; *langue*.

MICHAELIS. **Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.0 Rio de Janeiro: Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 07 fev. 2021.

11. Estrutura: Silva, Costa, Bózoli, Gumiero 2018. pg. 5 “Existem dez grupos de símbolos para as mãos. Esses dez grupos são o começo da “Sequência-de-Símbolos-SignWriting”, que é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting. A **estrutura** é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo. As informações das mãos, direita e esquerda, consistem em configuração da mão, dos dedos e do braço. O movimento pode ser dos dedos (movimento interno) ou da mão (movimento externo). Um movimento pode ser composto de um ou mais movimentos de dedos, movimentos de mãos e contatos.”

12. visual-espacial: Sutton 2010. pg. 202 “A LIBRAS é uma língua **visual-espacial**. Assim sendo, tal língua é organizada em um determinado espaço, normalmente a frente do sinalizador, combinando elementos visuais para formar palavras, frases e textos. Os elementos visuais incluem as configurações de mãos, os movimentos, os pontos de articulação e as expressões faciais”